



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MONIQUE VITÓRIA SANTOS RODRIGUES

**O FIO DE CORTE QUE UNE AS POTÊNCIAS FEMININAS: A SUBALTERNIDADE
NA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL À LUZ DAS MULHERES DE *TORTO*
*ARADO***

RECIFE

2025

MONIQUE VITÓRIA SANTOS RODRIGUES

**O FIO DE CORTE QUE UNE AS POTÊNCIAS FEMININAS: A SUBALTERNIDADE
NA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL À LUZ DAS MULHERES DE *TORTO*
*ARADO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras/Português da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção de título de
graduado.

Orientadora: Raíra Costa Maia de Vasconcelos

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Rodrigues, Monique Vitória Santos.

O fio de corte que une as potências femininas: a subalternidade na perspectiva interseccional à luz das mulheres de Torto Arado / Monique Vitória Santos Rodrigues. - Recife, 2025.

43 p.

Orientador(a): Raíra Costa Maia de Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Torto Arado. 2. Subalternidade. 3. Negritude feminina. 4. Interseccionalidade. 5. Literatura Brasileira. I. Vasconcelos, Raíra Costa Maia de. (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

MONIQUE VITÓRIA SANTOS RODRIGUES

**O FIO DE CORTE QUE UNE AS POTÊNCIAS FEMININAS: A SUBALTERNIDADE
NA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL À LUZ DAS MULHERES DE *TORTO*
*ARADO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras/Português da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção de título de
graduado.

Aprovada em: 21/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raíra Costa Maia de Vasconcelos

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por estar onde estou e por abençoar minha caminhada (e as pessoas que caminham comigo) até aqui. Sem Ele, acredito que nada seria possível. Agradeço, também, a toda a minha família, que me motivou e motiva, mas principalmente às minhas duas figuras maternas: Ana Paula, minha mãe, por ser a minha maior rede de apoio, meu maior alicerce, minha aliada, amiga, conselheira, como também por ser quem deposita toda a sua fé nos meus sonhos, acreditando que sempre sou capaz, mesmo quando eu não acredito; Maria do Carmo, minha avó, pelo olhar voraz de quem quer nosso bem, sempre me guiando com muito amor.

Agradeço a meu pai, Adriano Rodrigues, pelas inúmeras ligações e cobranças, nunca deixando a “peteca cair” e sempre me incentivando a olhar para frente e não desanimar, que um dia — diz ele — o mundo vai ser meu, basta eu estudar. Sou grata ao Ubirajara, meu avô, por acreditar nos meus sonhos tanto quanto eu e sempre me arrancar risadas em meus momentos mais tristes. Agradeço, ainda mais, a meu irmão, Gabriel Vitor — que, para mim, sempre será Bielzinho —, por ser o melhor irmão que alguém poderia ter. Ele que, mesmo sem entender o que era Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), perguntava sobre o que eu estava escrevendo, se estava gostando e quando eu terminaria. Ele que sempre me doava algumas horas do seu dia, só para eu ter mais tempo de escrever e estudar: essa conquista só foi possível graças ao seu carinho e zelo.

Ao Jairo Brazil, por ser não somente um ombro amigo, mas um corpo inteiro. Ele que me apoiou e segurou na minha mão para a gente não andar só, mas correr junto. Agradeço à Mikelle Macedo, pelas conversas, desabafos e demonstrações de afeto singulares e sinceras — também agradeço a sua mãe, Ione, por me apoiar de longe com muito carinho. Ao Rafael Henrique, pelas nossas brincadeiras briguentas, sem ele toda a atmosfera da faculdade seria pesada e densa. Agradeço à Bruna Freire, por estar comigo desde o início desse sonho que é a graduação — e permanecer. Sou grata, também, à Gabryella Gomes, pela alegria contagiante que sempre fez diferença nos nossos dias de estudante; como também ao Izael Gomes, que apesar de longe, faz-se presente em minha vida.

Agradeço à Lívia Castro, por sempre tirar minhas dúvidas sobre escrita em dias aleatórios. Agradeço a meu amigo de estágio, Gleybson Kleber, por entrar na minha vida e se tornar morada, iluminando minhas manhãs e me encorajando diariamente. Agradeço à Taynan Iris, pelas nossas conversas sobre poesia e pesquisa, mostrando-se mais que uma amiga, uma inspiração. Agradeço à Mariana Bezerra, por desabafar comigo sobre TCC e se tornar alguém tão especial nesse período tão sufocante. Ao Arthur Fortunato, por nossas reflexões e sintonia

quando nos encontramos. Sou grata, ainda, a todos os meus amigos do Colégio Americano Batista — Sofia, Matheus Henrique, Luana Marques, Rebeca, Alexsander, Fernando, Luana Raquel e Isadora —, por provarem que mesmo que as estações mudem, nossa amizade e carinho nunca mudarão. Agradeço a meu fisioterapeuta e amigo, Henrique, por ser esse ser humano incrível que nunca deixou de me incentivar seja como paciente ou como amiga.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Raíra Maia, pelo olhar atento, pelas orientações sempre honestas e pela paciência generosa com meus atrasos em cumprir datas. Se alcancei esta etapa, foi pela sua firmeza gentil de quem guia com zelo. Agradeço a meu professor, Flaviano Maciel, que acompanhou quase toda a minha trajetória enquanto estudante, deixo registrado meu profundo apreço e carinho. Agradeço também a outros professores, como Eduardo, Klebson, Bruna Cunha, Adalgisa, Jonas Jefferson, Clécio Bunzen e Maria Shenian, por marcarem tanto minha formação docente.

Sou grata, também, às professoras do Sesc Santo Amaro, principalmente, Elaine e Fabiana, por cuidarem de mim e me apoiarem como mães. Agradeço a todas as outras pessoas que não estão mencionadas aqui, mas que acompanharam a minha jornada acadêmica: o amor de vocês me inspira e me move. Inclusive, se sou quem sou e estou onde estou é porque, acima de tudo, o amor de todos vocês invadiu a minha vida e tomou conta. No meu coração, se tenho aqui somente gratidão e felicidade, é porque fui muito amada.

[...]

Uma mulher oferece à noite

o silêncio aberto

de um grito

sem som nem gesto

apenas o silêncio aberto assim ao

grito

solto ao intervalo das lágrimas

[...]

— Ana Paula Tavares, em *O lago da lua*

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), proposto para a graduação em Licenciatura em Letras Português, tem o intuito de analisar o romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Assim, com ênfase em uma perspectiva interseccional que reflete questões de raça, classe e gênero, objetivamos refletir sobre a condição subalterna das narradoras-personagens Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Para embasar a pesquisa, recorreremos aos aportes teóricos de Spivak (2010) e Akotirene (2020), que discutem, respectivamente, as noções de subalternidade e interseccionalidade, compreendendo o capitalismo, racismo e cispatriarcado como sistemas estruturantes que atravessam a negritude feminina. São mobilizadas, análoga à discussão, as contribuições de Gonzalez (2020), que elucida sobre o lugar social da mulher negra no Brasil, e, por fim, Hall (2014) e seus excertos sobre o conceito de identidade(s) e identificação. Imergindo em aspectos que tangem a relação entre a literatura e sua aproximação com a realidade, têm-se as obras de Bosi (2002), Candido (2006) e Schmidt (2022), que refletem sobre a conexão entre o meio social e o fazer literário. Assim, ao considerar as imbricações entre a representação da subalternidade na literatura brasileira, concluímos que a leitura e análise de *Torto Arado* possibilita refletir criticamente sobre as potenciais formas de existir e resistir de mulheres negras, tanto no âmbito literário quanto na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Torto Arado. Subalternidade. Negritude feminina. Interseccionalidade. Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis, developed within the scope of the Degree in Portuguese Language and Literature, aims to analyze the novel *Torto Arado* (2019), by Itamar Vieira Junior. Grounded in an intersectional perspective that engages with issues of race, class, and gender, the study seeks to examine the subaltern condition of the narrator-characters Bibiana, Belonísia, and Santa Rita Pescadeira. To support the research, we draw upon the theoretical contributions of Spivak (2010) and Akotirene (2020), who discuss, respectively, the concepts of subalternity and intersectionality, considering capitalism, racism, and cis-patriarchy as structuring systems that shape the lived experiences of Black women. Additionally, the work mobilizes the insights of Gonzalez (2020), who explores the social positioning of Black women in Brazil, as well as Hall (2014), whose reflections on identity and identification enrich the discussion. Immersing in the intersection between literature and social reality, the study also incorporates the theoretical frameworks of Bosi (2002), Candido (2006), and Schmidt (2022), whose works address the relationship between literary production and the sociocultural context. Thus, by considering the entanglements between subaltern representations in contemporary Brazilian literature, this research concludes that the reading and analysis of *Torto Arado* enables a critical reflection on the possible ways of existing and resisting for Black women, both within the literary realm and in Brazilian society at large.

Keywords: Torto Arado. Subalternity. Black womanhood. Intersectionality. Brazilian literature.

SUMÁRIO

1 AS NARRATIVAS FEMININAS NA LITERATURA.....	10
2 REFLEXÕES SOBRE O CAMPO LITERÁRIO, O IDENTITÁRIO E A NEGRITUDE FEMININA.....	13
2.1 Sobre o literário.....	13
2.2 Sobre o identitário.....	16
2.3 Sobre a negritude feminina.....	19
3 A SUBALTERNIDADE NA FIGURA DAS PERSONAGENS FEMININAS DE TORTO ARADO.....	23
3.1 Bibiana: duas vozes, uma língua.....	25
3.2 Belonísia: a voz do silenciamento.....	30
3.3 Santa Rita Pescadeira: o passado nunca nos abandona.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUANDO AS VOZES FEMININAS SE UNEM.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 AS NARRATIVAS FEMININAS NA LITERATURA

O fazer literário que busca pensar o meio social é uma escolha, para além de estilística, política. O movimento de resgatar discussões que estão em pauta na atualidade — desigualdade social, racial e de gênero, por exemplo — é comum na Literatura Contemporânea brasileira, mas não se restringe aos escritores contemporâneos, dado que a literatura reflete a “preferência de temas e de conteúdos que nos devolvem uma experiência de leitura em contato com a realidade social, cultural e histórica” (Schollhammer, 2012, p. 129). É preciso, nesse sentido, pontuar que a literatura, aqui, não será vislumbrada a partir de um olhar utilitarista, sendo uma expressão artística funcional, mas sim potencializadora de novos olhares, como o caráter crítico-reflexivo sobre a sociedade. Candido (2006, p. 177) ratifica, nesse viés, que a “função histórica ou social de uma obra depende da sua estrutura literária, e que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita”. Portanto, ao analisar a postura analítica de uma obra, é preciso levar em consideração as condições de sua elaboração, bem como a realidade em que ela se inscreve, já que a estrutura literária “permanece esteticamente invariável” (Candido, 2006).

Nesse panorama evidenciado por Antonio Candido, é possível visualizar que a estrutura de um texto literário é fixa, mas não se limita ao seu espaço-tempo ou contexto social, possibilitando uma leitura diacrônica que, por vezes, destaca ora questões que circundam a realidade do leitor ora temáticas distantes de suas vivências, oferecendo assim, a contemplação de outros cenários. Ao compreender tal relação livro-leitura-leitor, Cosson (2015, p. 17) nos aponta essa artimanha da literatura enquanto acontecimento a ser vivido, no qual ela “é mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade”. Isto é, a literatura pode propiciar o movimento de se colocar no lugar do outro, em outros espaços e contextos, sem sair de nossa própria realidade, como também pode nos reafirmar enquanto integrantes de determinada comunidade da qual pertencemos. Para tanto, ao compreender a legitimidade de pautas sociais para a produção de novos textos literários, delimitamos como corpus de análise os escritos de Itamar Vieira Junior, mais especificamente seu romance *Torto Arado* (2019).

Ganhadora do Prêmio Oceanos e o Prêmio Jabuti de Romance Literário, ambos em 2020, a obra *Torto Arado* se debruça sobre o feminino ao escrever uma história com o enfoque narrativo em três personagens mulheres, subdividindo os pontos de vista da narração em três partes, as quais são: Fio de Corte, narrado pela personagem Bibiana; Torto

Arado, narrado por Belonísia; e Rio de Sangue, narrado por Santa Rita Pescadeira, uma entidade religiosa. A trama gira em torno das duas irmãs Bibiana e Belonísia e suas relações com a comunidade, a terra, a ancestralidade e a negritude. Ainda, a narrativa se constrói na Fazenda Água Negra, com características ambientais e históricas que abraçam uma síntese do que seria o sertão baiano. Vale destacar que não se tem uma delimitação temporal exata: é possível o leitor compreender que a trama se passa após a abolição da escravidão, situada mais ou menos na década de 60, porém não é mencionado um tempo exato, possibilitando interpretar que as situações vivenciadas pelas personagens podem ocorrer, também, na atualidade. O autor, inclusive, confidencia em uma entrevista¹ que trabalhar no interior do Maranhão foi uma motivação para a escrita do livro, uma vez que percebeu a situação de subalternidade vivida pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais daquela região.

Assim, ao observar não apenas as protagonistas, como também toda a população de trabalhadores de Água Negra, fica evidente que, dentro do sistema hierárquico criado na obra, as relações de poder e submissão existentes expõe uma condição subalterna — portanto, podemos compreendê-los como sujeitos subalternos. Sob esse contexto, no intuito de refletir criticamente sobre as experiências das três figuras centrais da narrativa, elencamos, de início, como objetivo específico refletir as questões de raça, gênero e classe, isto é, a interseccionalidade presente no cotidiano da negritude feminina de Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Somado a isso, também traçamos as relações de poder que colocam tais personagens em uma condição de subalternidade, bem como refletirmos de que forma as três protagonistas reivindicam seu corpo, suas terras e suas vidas, consolidando sentimentos de pertencimento e irmandade no romance.

Ao pensar na subalternidade de determinados sujeitos, deve-se levar em conta que essa condição não é uma identidade fixa, mas uma posição social e política, e que sua análise centra-se na questão de como os subalternos são silenciados e invisibilizados, questionando a possibilidade de representação e voz para estes grupos. Nesse sentido, compreendemos o conceito de subalternidade a partir dos pressupostos de Spivak (2014), em *Pode o subalterno falar?*, obra que busca entender a tendência assídua de intelectuais ocidentais de representarem e falarem por grupos minoritários, e não *com* eles. Tal questão se amplifica quando se toma como ponto de partida um recorte feminino, que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (Spivak, 2010, p. 67). Dada a pertinência de tais enunciados, a partir da compreensão dessa subalternidade

¹ Entrevista da Roda Viva, disponibilizada no *Youtube* e devidamente referenciada nas referências.

imposta a determinados sujeitos, a presente tese tem como objetivo principal analisar tal condição na representação das protagonistas femininas da obra, enquanto personas atravessadas por questões de classe, raça e gênero.

Ao refletir sobre tais recortes sociais, é válido possuir uma perspectiva interseccional, à luz de Akotirene (2020). A interseccionalidade, para a pesquisadora, é um instrumento analítico que permite perceber a inseparabilidade do racismo, capitalismo e cis-heteropatriarcado, e como isso produz formas específicas de opressão para mulheres negras, dado que “mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2020, p. 14). Partindo da visão sociológica de Akotirene, que se compromete em delimitar o conceito de interseccionalidade, compreende-se que as estruturas de discriminação — racismo, sexismo, classe e capitalismo — se entrelaçam de forma indissociável na vida das mulheres negras.

Análogo a tais questões raciais, nossa análise percebe que tal conjuntura não se limita a sociedade, pois permeia a representação da persona negra feminina, inclusive, na literatura. Dessa forma, o presente artigo justifica-se pela pertinência de se (re)pensar o lugar ou não lugar que a mulher negra ocupa dentro das possibilidades narrativas do campo literário. Para tanto, esse artigo, organiza-se da seguinte forma: a presente introdução, que relata alguns conceitos que serão aprofundados e defendidos no texto, assim como a obra literária que será analisada; na seção seguinte, será discutido o arcabouço teórico que sustentará nossas leituras e abordagens; em seguida, teremos a análise do corpus de *Torto Arado*. Essa última, por sua vez, é subdividida em três partes, cada qual refletindo sobre uma narradora-personagem diferente — isto é, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Tendo em vista o caráter qualitativo da pesquisa, ao analisar o romance *Torto Arado*, a partir do debruçamento sobre questões que tangem à subalternidade e à interseccionalidade, de primeira, debruçamo-nos sobre a perspectiva de Bibiana, elucidando as questões de raça, gênero e classe que permeiam seu olhar sob a irmã Belonísia, Severo — seu primo e futuro esposo —, e sob sua condição na Fazenda Água Negra. Na segunda seção, focamos no não-local de fala de Belonísia, que, por ser mulher e ter sua língua cortada, tem, por vezes, sua existência silenciada. Por fim, na terceira e última etapa, realizamos uma análise da persona Santa Rita Pescadeira, que não se trata necessariamente de uma personagem, mas de uma entidade que circunda as relações femininas na obra.

2 REFLEXÕES SOBRE O CAMPO LITERÁRIO, O IDENTITÁRIO E A NEGRITUDE FEMININA

Com o propósito de estruturar adequadamente o referencial teórico, tem-se três segmentos dispondo campos distintos: o literário, o identitário e a negritude feminina. Para refletir a literatura enquanto forma de expressão que dialoga com o meio social, temos Candido (2006), Bosi (2002) e Schollhammer (2012). Somado a tais autores, há Schmidt (2022), revelando pressupostos sobre a decolonialidade² na literatura. Ao discutir identidade, tem-se Spivak (2010) expondo a marginalização de corpos subalternos e Hall (2014) contemplando a relação cultura-identidade. Por fim, contemplamos Lélia Gonzalez (2020) com sua bagagem no que tange a mulher negra no cenário brasileiro, Akotirene (2020) refletindo a interseccionalidade e María Lugones (2020), que reflete o gênero e a colonialidade do poder.

2.1 Sobre o literário

Pensar a dialética entre a literatura, enquanto modalidade artística que possibilita se expressar, inscrever-se no mundo ou reivindicá-lo, e a sociologia, enquanto aparato científico que estuda a sociedade e seus padrões relacionais, não significa explicar a literariedade a partir da sociologia, mas sim, refletir alguns de seus aspectos. Para tanto, Candido (2006, p. 28) questiona

Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam.

O autor, nesse contexto, delimita que há duas tendências modernas: primeira, como o artístico interpreta a sociedade e como ocorre a sua recepção pelo leitor; e segunda, analisar a presença do conteúdo social nas obras (Candido, 2006, p. 28-29). No entanto, por vezes, quando o foco está na última mencionada, nota-se o conteúdo social como medida de valor, possuindo um caráter redundante em que a obra *deve* escrever sobre o meio social. Como já supracitado, esse não é o intuito do presente trabalho. Aqui, percebemos o conteúdo social como uma das possíveis temáticas que a literatura pode abranger, refletindo sobre de que

² Entende-se, aqui, o termo decolonialidade como um conceito que busca romper com os legados do colonialismo e do eurocentrismo que ainda moldam estruturas de poder, conhecimento e subjetividade. Nesse viés, a decolonialidade enfatiza o quanto as estruturas coloniais persistem apesar do fim formal do colonialismo, principalmente no que tange à cultura, à educação, à ciência e às relações sociais. Portanto, quando Schmidt (2022) reflete sobre uma leitura da literatura de forma decolonial, a autora salienta o rompimento com moldes eurocêtricos tão enraizados em países antes colonizados, como o Brasil.

forma tal aspecto é evidenciado. Outro autor que reitera contribuições para a discussão de representações e realidade na literatura é Karl Erik Schollhammer, pontuando que

Entre os escritores contemporâneos percebemos a mesma reciclagem de formas literárias com uma aproximação determinada à “realidade” da experiência comum como crônicas da vida como ela é, depoimentos testemunhais de experiências singulares e exóticas, diários, ensaios ficcionais, relatos de viagem e uso de outras formas híbridas entre ficção e não ficção (2012, p. 129).

De modo sumário, o autor compreende que a ficção também é usada como manobra para a temática da realidade. Nessa perspectiva, ao passo que estuda as novas vias de inscrição do real nas expressões artísticas e suas representações e não representações (Schollhammer, 2012), concebe que há uma estética afetiva que se configura como realismo afetivo nas literaturas contemporâneas, posto que

Na experiência afetiva a obra de arte torna-se real com a potência de um evento que envolve o sujeito sensivelmente no desdobramento de sua realização no mundo. Algo intercala-se desta maneira entre a arte e a realidade, um envolvimento que atualiza a dimensão ética da experiência na medida que dissolve a fronteira entre a realidade exposta e a realidade envolvida esteticamente e traz para dentro do evento da obra a ação do sujeito. Assim como nas outras versões do realismo extremo, os aspectos que se ressaltam dessa estética atingem as fronteiras entre a realidade e a representação (2012, p. 138).

Percebe-se, a partir dessa contextualização, que há uma crescente onda de representações que colaboram para um nível mais elevado de aproximação com o leitor, pois o campo das afetações (sentimentos, relações interpessoais e vínculos emocionais) é posto em evidência. Essa afirmativa relaciona-se, por exemplo, com o romance de Itamar Vieira Junior. Por meio do olhar das narradoras-personagens, a obra além de nos ofertar uma história que acompanha a vida de duas mulheres negras e rurais — nesse sentido, podemos dizer que se trata de um romance de formação —, também proporciona um debruçamento sobre a ancestralidade e o sentimento de pertencimento de uma comunidade quilombola³, sendo essas, inscrições da realidade que atingem a afetividade. Além disso, centralizar tais personas oportuniza a representação de identidades que, na sociedade brasileira, são marginalizadas e excluídas.

Sob esse viés, ao evidenciar o arcabouço teórico-literário de Bosi (2002), o autor revela as intersecções entre a escrita e, em suas palavras, o excluído, ao afirmar que há duas maneiras de considerar tal dinâmica: uma, em que o sujeito marginalizado é visto como objeto de escrita; a outra, por sua vez, entende o excluído como agente ativo do processo simbólico, não sendo apenas um integrante passivo de uma situação narrativa (Bosi, 2002,

³ São quilombolas aqueles que pertencem a uma comunidade marcada pela resistência à escravidão, traçando conexões culturais, históricas e territoriais.

257-259). No entanto, embora os pressupostos do pesquisador sejam pertinentes, quando seu campo de análise focaliza principalmente na atuação europeia nos movimentos literários que se sucederam no território brasileiro, atribui-se um olhar eurocêntrico⁴ para a literatura brasileira, portanto, nota-se a necessidade de (re)pensar esses moldes e rompê-los. Para isto, tecemos uma leitura decolonial sobre tal historicidade, na tentativa de vislumbrar considerações literárias que abrangem, também, a latinoamericanidade⁵.

Recorremos à Schmidt, portanto, não com o intuito de contrapô-lo, mas para somar ambos os excertos teórico-literários, visto que “a perspectiva decolonial constitui uma nova forma de pensar a história, uma vez que o conceito se desvincula das cronologias europeias e de seus paradigmas ou epistemes” (Schmidt, 2022, p. 258). Tal posicionamento não busca invalidar os saberes hegemônicos, mas propõe a ampliação dos horizontes interpretativos, reconhecendo a existência de novas possibilidades para refletir, investigar e analisar a literatura brasileira. Tais teóricos, no panorama evidenciado, imbricam-se ao abordar o excluído/marginalizado/escanteado, visto que Bosi (2002, p. 261), no que concerne a pauta da relação entre esses sujeitos e a escrita/leitura, reitera seus dizeres ao compreender o “excluído como agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária”, enquanto que Schmidt, visando um gesto decolonial, concebe essa configuração de fazer literatura como instrumento que coloca em pauta “a violência simbólica de sua narrativa em termos de suas exclusões, de autorias e de textos, os quais, via de regra, inscrevem outros pertencimentos sociais/regionais, bem como inscrições de diferenças de gênero, raça e classe” (2022, p. 256).

Desse modo, tal indivíduo, que nesse trabalho entenderemos como o sujeito subalterno — termo que será destrinchado posteriormente somado ao conceito de subalternidade —, tem sua representação na literatura como uma tentativa de (re)descobrir e redesenhar o lugar social que ocupa, sendo parte constituinte, também, da sociedade brasileira.

Retomemos os valores de Candido sobre a literatura, que, ao afirmar o fato da arte ser “comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos” (2006, p. 31), reconhece a representação desses grupos sociais como, também, uma forma de manifestação artística de autores/as. Ainda, no

⁴ Nesse caso, consiste-se em um estudo que parte de uma interpretação centralizada e delimitada pelos valores do ocidente europeu.

⁵ Compreendemos, na presente análise, que a expressão latinoamericanidade se refere à identidade sociocultural, histórica e política de países que constituem a região latino-americana e, uma vez que o Brasil está inserido nessa localidade, é também um termo que perpassa a identidade brasileira.

que se refere o aspecto dialético literário, percebe-se

A virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra. (Candido, 2006, p. 30)

Isto é, o autor defende que a literatura reflete a sociedade, mas também a influencia, por isso, não se trata apenas de uma reprodução passiva do real, mas de um modo de produção crítica e simbólica da experiência humana. Isso implica, também, em compreender a literatura não como um fenômeno isolado, mas sim um fato social. Assumimos, nesta conjuntura, que o fazer literário, enquanto constituinte de raízes sociais, está sempre inserido em uma sociedade específica, respondendo a condições históricas, políticas, culturais e econômicas. Dito isso, ao ponderar, especificamente, sobre a obra de Itamar Vieira Junior, é válido refletir o que o autor busca representar através do contexto sociocultural que suas personagens estão inseridas — ou seja, sua condição social de subalternas.

2.2 Sobre o identitário

Percebe-se, por conseguinte, que a literatura também pode ser um instrumento que possibilita a construção de discursos sobre identidade e pertencimento, na medida em que mobiliza, em sua composição narrativa, processos de representação e identificação. Nessa perspectiva, sobre o sujeito em destaque, o qual está sendo representado (ou não),

É preciso pensá-lo em sua nova posição — deslocada ou descentrada — no interior do paradigma. Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade ou melhor, a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar — volta a aparecer (Hall, 2014, p. 105)

Stuart Hall delimita, em seu comentário anterior, a necessidade de compreender os processos subjetivos oportunizados pelo estudo da(s) identidade(s), já que é um conceito que espelha, também, a questão da identificação. Assim sendo, a identidade configura-se como um sistema que não é fixo, tampouco singular: ela é relacional e coletiva, dado que o sujeito, em sua construção, pode ser afetado por determinados grupos, símbolos e narrativas; é plural, já que é mediada a partir de práticas, discursos e experiências; por último, não é imutável, afinal “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (Hall, 2014, p. 108), tornando-se

assim, uma celebração móvel (Hall, 2004, p. 13).

Nesse contexto, se a identidade é um processo passível de mudanças e atravessada por discursos, a identificação se comporta como um processo de articulação e manutenção desse sentimento de pertencimento identitário, uma vez que “as identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação” (Hall, 2014, p. 110). Para tanto, ao elencar tais pontos, o autor evidencia que a identidade se mostra construída na/por meio da *différance*, isto é, no estabelecimento de uma diferença com os padrões do outro. Grosso modo, para se estabelecer a posição de uma identidade, é preciso que o sujeito se diferencie de outras normas e que haja uma divisão, delimitando onde termina o Eu e onde inicia o lugar do Outro. Somado a tais excertos, Hall ratifica que

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora "sabendo" (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma "falta", ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas aos processos de sujeito que são nelas investidos (2014, p. 112).

Intrínseco a esse processo de formação identitária, podemos tomar como exemplo a realidade vivida pelas personagens da obra *Torto Arado*. Na narrativa, as irmãs Bibiana e Belonísia — assim como toda a sua família —, desde a infância, são submetidas ao trabalho no campo da Fazenda Água Negra, especialmente no manejo do arado, além de viverem em moradias precárias, construídas com materiais frágeis e de baixa durabilidade. Tal condição evidencia a instabilidade e a vulnerabilidade dessa comunidade, que não detém qualquer garantia de permanência naquele território, podendo ser expulsa a qualquer momento. Essas circunstâncias revelam como as personagens, desde muito cedo, foram obrigadas a assumir o papel de serventes da própria terra que ocupavam, estando assim, em uma posição subalterna mesmo no espaço que chamavam de lar.

Posto isso, podemos delimitar dois apontamentos sobre tais estudos e que fundamentam nossa discussão: primeiro, que as identidades são representações, ou seja formas simbólicas de se enxergar e de ser visto; segundo, não se nasce com uma identidade pronta, mas se é colocado em uma posição social — contextos sociohistóricos e socioculturais — e passa a se entender a partir dela. Sob essa perspectiva, onde se encontra o sujeito subalterno, aquele que é marginalizado e escanteado? Para tal indagação, Spivak (2010) pontua sobre a (não) representação dos subalternos, dado que sua(s) identidade(s) não são validadas.

A concepção de subalternidade, a qual está sendo utilizada para refletir sobre as

condições de vida das personagens femininas, concebida por Spivak (2010), tem como base a existência de um constituinte — que, normalmente, se trata do Ocidente — que é posto como Sujeito e outro que é posto, de fato, como o Outro. Este último, por sua vez, equivale ao indivíduo e a cultura que não é Ocidental. Tudo o que foge dessa norma estabelecida por esse Sujeito — marcado pelo imperialismo e o período pós-colonial — é considerado Outro, sendo este subestimado e visto como subserviente. Isso colabora para o fenômeno do sujeito-efeito, isto é, “dá a ilusão de um abalo na soberania subjetiva, quando, muitas vezes, proporciona apenas uma camuflagem para esse sujeito do conhecimento” (Spivak, 2010, p.20-21). No cenário em questão, ao indagar sobre a condição da mulher, não se tem conclusões muito positivas e diferentes do negligenciamento já mencionado, afinal a figura feminina também é atravessada por discursos imperialistas na sociedade, como relata Spivak (2010, p. 66), a qual infere que

A relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos. A restrita violência epistêmica do imperialismo nos dá uma alegoria imperfeita da violência geral que é a possibilidade de uma episteme.

Isso significa dizer, em outras palavras, que a violência epistêmica do conceito de imperialismo também violenta os direitos da mulher. Dessa forma, deparamo-nos com a subalternidade feminina, que é reconhecida e denunciada pelas próprias mulheres, a partir de seu silenciamento. Contudo, tal experiência não é universal, pois é preciso considerar as diferenças estruturais, afinal o silenciamento da mulher pode variar, por exemplo, de acordo com sua classe social, raça e origem colonial. Tal situação pode ser exemplificada, ainda, na condição das mulheres do subproletariado urbano, atravessadas pela estrutura de exploração do trabalhador, como também do patriarcado, encontrando-se, portanto, “duplamente na obscuridade” (Spivak, 2010, p. 70).

Essa relação do feminino com o trabalho, inclusive, também é explorada no romance de Vieira Junior, já que as mulheres da comunidade estão dispostas em um trabalho manual e rural que, por vezes, é estabelecido a partir de seu gênero — por exemplo, o ofício de parteira. Além disso, observa-se que, ao longo de grande parte da narrativa, a voz pública e política da comunidade quilombola é majoritariamente ocupada por figuras masculinas, sejam elas membros da própria comunidade ou os proprietários da fazenda. Em resumo, nota-se que ao refletir se o subalterno pode falar, quando nos referimos a mulher, é preciso ampliar ainda mais a discussão, considerando outras pautas para além da questão de gênero, afinal, como bem afirma Spivak (2010, p. 85), “evidentemente, se você é pobre, negra e

mulher, está envolvida de três maneiras” nesse processo de não-vocalização, tornando-se assim, um *não-sujeito* da sociedade. Portanto, tal debate suscita uma reflexão sobre a negritude feminina.

2.3 Sobre a negritude feminina

Nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história (Gonzalez, 2020, p. 128).

No enunciado acima, tem-se uma reivindicação de Gonzalez (2020), que norteia as experiências da mulher negra ao escancarar as encruzilhadas do racismo e do sexismo em suas histórias. A autora, em sua obra — que é uma coletânea de ensaios e artigos denominada *Por um feminismo afro-latinoamericano* —, compreende que há uma exclusão de pautas raciais no movimento feminista ao não reconhecer que a mulher negra, também, é tangenciada por outras questões para além de seu gênero. Nesse sentido, a socióloga reitera que “o feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades” (Gonzalez, 2020, p. 139). Diante disso, ao refletir sobre lugares de dizer e não-dizer, mais uma vez vê-se a necessidade de realizar uma análise que compreenda os entrelaçamentos entre questões de gênero, classe e raça, pois não há experiências universais, mas sim vivências plurais fundamentadas em distintas estruturas sociais.

Este é um ponto, inclusive, bastante notório em *Torto Arado*, em que acompanhamos a trajetória das irmãs protagonistas e suas tentativas de existir em um território onde a mulher negra é relegada a uma condição de subserviência. Ou seja, percebe-se aqui que a dinâmica retratada na narrativa estabelece um paralelo com a realidade social brasileira, marcada pela constante marginalização do corpo da mulher negra, frequentemente notada como subumana. Apesar de tal subserviência de personagens negras já ser retratada em outros romances, por exemplo a personagem Tia Nastácia, do *Sítio do Picapau Amarelo*, ou ainda a Bertoleza, de *O Cortiço*, na escrita de Itamar Vieira Junior, destaca-se um elemento singular: o autor transfere a função narrativa justamente para esses sujeitos historicamente silenciados, que, nas estruturas sociais retratadas no romance, são privados de um local de fala. Elas, aqui, não são meros coadjuvantes, mas protagonistas de suas histórias — ainda que tenham que reivindicá-la durante o enredo. Dessa forma, ao conferir protagonismo narrativo a essas personagens femininas, Vieira

Júnior realiza não apenas uma escolha estética, mas sobretudo uma escolha política, rompendo com certa tradição literária brasileira em escrever sobre a negritude feminina de forma superficial e rarefeita, mas sim lhe conferindo voz (e ação) narrativa, consciência social e reivindicação.

Observamos, também, que essa figura feminina, além de atravessada pelos marcadores de raça e gênero, também se encontra submetida às imposições do modelo econômico capitalista, que aprofunda sua vulnerabilidade e exploração — já que, por sua vez, Bibiana e Belonísia são trabalhadoras rurais de uma fazenda. Isso porque, ao notar o tipo de modernização derivada do capitalismo “conservador e excludente, devido aos seus efeitos de concentração de renda e benefícios sociais, não é difícil concluir a situação dessas mulheres, como no caso brasileiro, em tempos de crise” (Gonzalez, 2020, p. 133) e, por isso, a mulher negra também é vítima de uma divisão trabalhista excludente. Em relação a esses pressupostos, Carla Akotirene (2020) vislumbra a concepção criada por feministas negras, a fim de repensar vivências que são coletivas. Nesse sentido, a autora revela que

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado — produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (2020, p. 14).

Grosso modo, Carla Akotirene demonstra que as vivências de uma negritude feminina é embasada por dimensões que perpassam: o racismo, já que se tem a cor de pele como um alvo constante; o cisheteropatriarcado, fomentador de práticas sexistas que colocam o indivíduo masculino, mais especificamente o homem branco cis como gênero e sexualidade dominantes; e, por fim, o capitalismo, que delimita uma divisão de trabalho injusta com o sujeito preto, e o sujeito mulher — quando se tem essas duas individualidades sobrepostas, percebe-se, portanto, um aumento desse desnível de poder. Os posicionamentos de Gonzalez também podem somar ao relatado por Akotirene, pois demonstra a falha de pesquisadores em não pensar esse local, pois “lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco” (Gonzalez, 2020, p. 129). Não é possível desvincular Bibiana e Belonísia — as protagonistas do enredo de Vieira Junior — tampouco a figura simbólica de Santa Rita Pescadeira, que evoca uma voz coletiva do povo de Água Negra, desse paradigma, por exemplo: se de um lado possuem um trabalho análogo a escravidão e não remunerado, tendo em vista o racismo dos senhorios da fazenda; por outro lado, não são postas,

inicialmente, como porta-voz de sua comunidade, devido à estrutura patriarcal em que estão inseridas. Vislumbramos, nesse contexto, que “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (Akotirene, 2020, p. 17) e, portanto, ao pensar em corpos femininos e pretos, é preciso também pensar sua interseccionalidade.

Ainda sobre o aparato de gênero e raça, María Lugones pode contribuir para essa discussão, ao refletir sobre a colonialidade⁶ e o gênero. A pesquisadora propõe que o gênero como o conhecemos — com dicotomias rígidas (homem/mulher), heterossexualismo e patriarcado — é um sistema colonial imposto, que está ligado paralelamente à lógica de poder e exploração estabelecida pelos colonizadores, com o intuito de tornar “visível a instrumentalidade do sistema de gênero colonial/moderno em nossa subjugação — tanto dos homens como das mulheres de cor — em todos os âmbitos da vida” (Lugones, 2020, p. 6). No tocante ao território brasileiro, tem-se um país que foi colonizado, uma nação que já foi aporte geográfico colonial. Por isso, sob essa ótica, é tão importante referir-se às questões de colonialidade e gênero, pois estão relacionadas a relações de poder e domínio. Para Lugones, a colonialidade é vista como uma forma de

Introduz uma classificação universal e básica da população do planeta pautada na ideia de “raça”. A invenção da “raça” é uma guinada profunda, um giro, já que reorganiza as relações de superioridade e inferioridade estabelecidas por meio da dominação. (2020, p. 8)

Em vista disso, ao refletir sobre as questões de gênero no contexto brasileiro, é imprescindível considerar o sistema colonial como parte estruturante dessa análise. Afinal, o Brasil não é uma nação colonizadora tampouco plenamente inserida no Ocidente, mas sim um país latino-americano cuja formação histórica se deu por meio de sua invasão e dominação colonial. Nesse sentido, distanciamo-nos de abordagens eurocêntricas, que, como aponta Akotirene (2020, p. 16), costumam “chegar na contramão para dar socorro epistemológico, ignorando o contexto do acidente e causando, por consequência, mais fluxos no cruzamento de raça, gênero e classe”.

Somada a tais considerações, podemos identificar uma conexão entre essa abordagem eurocêntrica e o sistema patriarcal, visto que tais epistemes fomentam ações misóginas de homens brancos e de homens negros, mesmo que estes últimos compartilhem de marcadores sociais com as mulheres pretas. Lélia Gonzalez aprofunda tal reflexão sobre discriminação, ao tecer comentários sobre uma certa união masculina, postulando que

⁶ O legado do sistema colonial que ainda perpetua na sociedade, seja em aspectos culturais, sociais ou saberes epistêmicos.

Nossos parceiros do movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam nos excluir da esfera de decisão do movimento. E é justamente por esse motivo que buscamos o movimento de mulheres, a teoria e a prática feministas, acreditando poder encontrar ali uma solidariedade tão cara à questão racial: a irmandade (2020, p. 134).

Diante do exposto, podemos pontuar duas considerações: primeiro, novamente, evidencia-se a indispensabilidade de um olhar interseccional, já que a mulher negra brasileira é atravessada por diversas estruturas sociais; segundo, que as suas vozes — no sentido de vontades, desejos, reivindicações, vivências —, só são validadas e ouvidas quando quem escuta é uma semelhante, isto é, outra mulher negra. Nesse viés, seguimos para a análise do romance contemporâneo, que procura refletir sobre a potencialização da figura feminina na literatura.

3 A SUBALTERNIDADE NA FIGURA DAS PERSONAGENS FEMININAS DE TORTO ARADO

Antes de partir para a análise de Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, é preciso revisitar brevemente o enredo que as circundam. Em *Torto Arado*, acompanhamos a trajetória de vida de duas irmãs — isto é, os dois primeiros nomes mencionados —, desde pequenas até sua construção enquanto adultas — notamos, assim, que se trata de um romance de formação. Ambientado no sertão baiano, no território da Chapada Velha, não se tem uma localização espaço-tempo exata para a história⁷, contudo o texto entrega indícios que ocorre, mais ou menos, após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888. Percebe-se, nesse sentido, a atemporalidade de suas condições subalternas, pois as situações vivenciadas, apesar de denotarem certa antiguidade, poderiam facilmente se configurar em alguma situação contemporânea.

O primeiro capítulo, narrado por Bibiana e intitulado *Fio de Corte*, apresenta a infância das irmãs protagonistas. Nesta seção do romance, apesar de Bibiana ser quem “traz o primeiro vislumbre da vida subalterna que sua família e os demais trabalhadores de Água Negra são obrigados a levar” (Silva, 2023, p. 69), recortamos dois relatos principais que são pertinentes para a sua construção de identidade e de formação enquanto mulher negra. Um deles ocorreu durante a infância, pois, juntamente com a irmã Belonísia, ao mexer na mala da sua avó Donana e brincarem com uma faca, sua irmã teve a língua cortada. Esse incidente, em vez de afastar as irmãs, fortalece seu vínculo: uma torna-se a voz da outra, unidas por uma comunicação compartilhada e simbiótica. Ainda, temos a apresentação do personagem Severo, por quem Bibiana se apaixona e que influenciará a narradora-personagem a questionar a exploração vivida pelos trabalhadores e trabalhadoras da fazenda. Dessa forma, essa vivência contribui para seu processo de reconhecimento do ciclo de subalternidade imposto à comunidade e, na busca de melhores condições de vida, Bibiana decide deixar a fazenda ao lado de Severo.

No capítulo que retoma o nome da obra, *Torto Arado*, em que Belonísia é a narradora, o leitor se debruça sobre os posicionamentos, emoções e (não) dizeres de Belonísia, que, por não possuir uma língua e não emitir sons e palavras claras, tem uma vida ainda mais atravessada por percalços, silenciamentos e a busca de se reafirmar no mundo. Tal personagem, em sua narração, apresenta um novo morador em Água Negra, intitulado Tobias e que logo formam um casal. A trajetória de Belonísia ao lado de Tobias evidencia a

⁷ Não há um enunciado específico e exato no romance que indique o espaço-tempo. Porém, no contexto da obra, nota-se a possibilidade de se passar na segunda metade do século 20.

opressão de gênero, em que a personagem vivencia um cotidiano marcado pela negligência emocional, sobrecarga de afazeres domésticos e isolamento, sendo reduzida a uma figura servil. No entanto, é nesse espaço de reclusão que Belonísia fortalece laços com a sua ancestralidade — especialmente com a memória da avó Donana — e encontra, na relação com sua vizinha Maria Cabocla, um elo de solidariedade entre mulheres que compartilham experiências de violência doméstica. Assim, a personagem Belonísia se configura como uma força feminina que, apesar de sofrer silenciamento de diversas formas — seja por sua não-vocalização ou pela opressão do seu parceiro —, inicia processos de resistência e reivindicação de seu corpo e sua existência.

Por fim, temos a narração de Santa Rita Pescadeira, que vislumbra um panorama histórico de toda a comunidade negra de Água Negra no capítulo final Rio de Sangue. A narradora desta última seção não se trata de uma personagem, mas de uma entidade ancestral que permeia toda a obra, não somente durante os acontecimentos relatados na perspectiva das irmãs, como também desde a origem do povo de Água Negra, acompanhando toda a formação dessa comunidade e sendo “totalmente consciente dos procedimentos de submissão do seu povo” (Silva, 2023, p. 107). Santa Rita Pescadeira é mencionada brevemente nos capítulos de Belonísia e Bibiana como uma encantada, que se unia ao corpo de uma moradora chamada Dona Miúda, conferindo um tom de espiritualidade e misticismo na narrativa de *Torto Arado*. Nesse sentido, se no início do romance se tem uma exposição sobre marcadores de classe — já que as personagens são trabalhadoras rurais — e de gênero — pois são mulheres —, aqui se tem a identidade coletiva de uma comunidade construída e constituída por pessoas negras.

Desse modo, Santa Rita Pescadeira demarca como a trajetória do povo de Água Negra é marcada pela escravidão e pela subalternidade. Ela relata, também, que em certo momento é abolida a escravidão, por isso os proprietários das fazendas passam a denominar os antigos escravos de “trabalhadores” ou “moradores”, evidenciando assim, que não houve nenhum movimento de inserção dos pretos da comunidade à uma vida de qualidade, apenas mudaram a forma como são chamados. Observamos, também, o relato da chegada de um novo proprietário da Fazenda Água Negra, Salomão, e sua parceira, Estela, que logo impõe práticas cristãs aos moradores, visando apagar os traços identitários dos saberes ancestrais expressos no jarê⁸. Tais condições subalternas e negação de direitos reverberam nas três narradoras-personagens, pois a resistência a essa imposição religiosa é caracterizada pela

⁸ Prática religiosa de matriz africana que se desenvolveu principalmente na região baiana e que, na história, é a religião que permeia as vivências de Bibiana e Belonísia na comunidade de Água Negra.

morte de Salomão, conduzida por Santa Rita Pescadeira, que assume os corpos de Bibiana e Belonísia para executar tal ato. Dito isso, diante da complexidade e da profundidade do romance — cuja extensão impossibilita a retomada de todos os acontecimentos —, optamos aqui por apresentar essa síntese das informações mais relevantes para a pesquisa, as quais serão revisitadas e aprofundadas ao longo da análise. Feita essa delimitação, voltemo-nos para a representação feminina por meio das três narradoras da obra.

3.1 Bibiana: duas vozes, uma língua

Bibiana demonstra ser uma personagem que, desde sua infância, já tinha um olhar aguçado e crítico para a situação precária dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da fazenda, bem como percebia o ciclo de subserviência passado de geração a geração — que posteriormente é atenuado para um posicionamento político e consciência social. Isso pode ser observado, por exemplo, quando lhe foi oportunizado o primeiro contato com um hospital, em que ela observa um maior quantitativo de pessoas brancas em detrimento de pessoas negras (Vieira Junior, 2019, p. 19). Dessa forma, é possível notar que a branquitude possuía mais acesso a atendimentos hospitalares, destacando assim a condição subalterna da personagem e de sua comunidade, dado que não possuíam nem sequer um lugar de atendimento hospitalar próximo para se examinarem e, quando se deslocam para o único local mais próximo, são vistos com estranheza; como também demonstra o início de uma consciência social da narradora-personagem.

Tal marginalização torna-se ainda mais evidente quando, nos dizeres de Bibiana, é percebida a diferença entre a infraestrutura das casas de sua comunidade — composta por trabalhadores/as rurais — e da região central em que o hospital é localizado, no seguinte trecho:

Como era diferente a cidade com suas casas grudadas umas às outras, dividindo paredes. As ruas calçadas com pedras. O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda eram de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos (Vieira Junior, 2019, p. 20).

Essa percepção, para além de meras observações sobre condições estruturais, confere uma comparação sobre a desigualdade entre as posições sociais de Bibiana — consequentemente, também do povo de Água Negra — e dos indivíduos majoritariamente brancos que viviam na área urbana. Podemos, nesse viés, retomar Spivak (2010, p. 24), ao afirmar que “o vínculo [da subalternidade] com a luta dos trabalhadores está localizado no desejo de acabar com o poder em qualquer lugar de sua aplicação”. Paralelo a isso, a fala da

personagem não somente expõe uma condição de subalternidade vivenciada por ela, como também escancara a urgência de reivindicação de direitos que lhe são negados pelas estruturas de poder vigentes, uma vez que não lhes é ofertado nenhum tipo de condição digna para (sobre)viver.

Ao identificar as dicotomias entre Bibiana e Belonísia, vê-se também uma ratificação, no cenário sertanejo baiano, de atividades que são destinadas ao sujeito mulher e atividades destinadas ao sujeito homem. Tomemos como objeto a ser observado o trecho seguinte, que evidencia essa divisão de trabalho entre os homens e mulheres de Água Negra: “Belonísia se aproximava mais de meu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com meu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas” (Vieira Junior, 2019, p. 79). Isto é, o romance articula, de maneira crítica, as formas históricas de exclusão que recaem sobre os corpos femininos negros, pois apesar da proatividade de Belonísia, existia ali um espaço social que lhe era negado, afinal “ela era mulher”. Somando os estudos de Gonzalez (2020) para a circunstância apresentada, em suas proposições sobre o papel da mulher na sociedade e a divisão racial e sexual, pontua fatos que ocorrem no cotidiano da negritude feminina, ao questionar “por que é “natural” que ela [a mulher] seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais etc. e tal?” (Gonzalez, 2020, p. 75), ou seja, se já há uma subserviência devido a sua posição social e sua cor, isso se intensifica quando se trata da mulher negra.

No que se refere às formas de silenciar ou lidar com tal negritude feminina, a personagem Bibiana suscita uma discussão sobre o olhar predador e sexual dos homens perante a ingenuidade das meninas em fase de desenvolvimento, pois “sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos capatazes, dos fazendeiros das cercanias” (Vieira Junior, 2019, p. 34). Ao analisar esse excerto, a cena denuncia não apenas uma dinâmica de opressão de gênero, mas também um processo histórico de desumanização da mulher negra, cujo corpo é constantemente reduzido ao trabalho na roça em contextos servisais e/ou à função reprodutiva. Nesse sentido, percebemos que Vieira Junior mostra que as mulheres são socialmente “autorizadas” a ocupar apenas dois espaços: o da servidão nos trabalhos rurais e o da maternidade. A fala de Bibiana, assim, tenciona criticamente a perpetuação dessas estruturas que atravessam tanto o espaço familiar quanto o comunitário, novamente demonstrando um olhar analítico e crítico sobre as condições oportunizadas na Fazenda Água Negra.

Ainda sobre o corpo feminino, a maternidade, em *Torto Arado*, não se apresenta como um desejo ou escolha individual, mas como um destino imposto e atravessado por marcadores de raça, gênero e classe. Isso aparece de forma contundente na fala de Bibiana “E filhas dão mais trabalho. Vêm com barriga para dentro de casa. E depois? Quem cria as crianças?” (Vieira Junior, 2019, p. 54-55). Longe de ser apenas uma constatação, o enunciado nos revela a internalização de um discurso que associa o corpo feminino, especialmente o da mulher negra, à reprodução e ao fardo doméstico. O romance, assim, não apenas retrata a opressão, mas denuncia como ela é naturalizada dentro das próprias relações de moradores/as de Água Negra, expondo a lógica em que o corpo da mulher negra se torna sinônimo de sobrecarga e um “problema” da comunidade.

Nesse sentido, a personagem Bibiana não está à parte dessa opressão: ela é tanto vítima quanto reprodutora de um imaginário que estigmatiza a mulher negra como corpo a serviço da maternidade. Essa leitura é tensionada pelas reflexões de Akotirene (2020, p. 50), ao afirmar que “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão”. A partir disso, entendemos a fala de Bibiana não como uma crítica consciente — posteriormente, haverá uma consciência social que, no entanto, ainda não se encontra aqui em seus dizeres —, mas como um sintoma de uma estrutura que historicamente reduz a mulher negra à função de cuidar, servir e reproduzir, sem que, muitas vezes, ela possa sequer reconhecer essa violência como opressão.

É válido pontuar, sob essa perspectiva, que a narrativa de Vieira Junior, de fato, descreve uma realidade subalterna, mas não se limita apenas a exposição de uma série de condições subservientes, pois suas personagens desenvolvem senso crítico e exigem justiça social, diferentemente de outras narrativas literárias, em que a persona negra é posta como um personagem secundário de sua própria história, vítima de uma visão determinista de suas posições sociais. Nesse sentido, análogo a essa discussão, Cruz e Tofanelo (2020, p. 103), ao dissertarem sobre a herança literária de representar a negritude de forma supérflua, compreendem que “tornar o outro visível não significa que o mesmo possua voz própria, fato este que pode resultar em um discurso reproduzido” e que, no entanto, não é o que ocorre na obra em destaque. Tal afirmação pode ser exemplificada, por exemplo, ao tomar como foco a trajetória educacional de Bibiana, ao obter acesso à escolarização — e, posteriormente, tornar-se professora —, em contraste com a (não) experiência de seus pais, evidenciando um avanço na efetivação de direitos básicos conquistados pela comunidade.

O processo de garantia do acesso à educação revela-se ainda mais complexo quando o sujeito educacional é uma mulher. Tal dificuldade é evidenciada nos relatos dos homens da comunidade de Água Negra, cuja rigidez em permitir que suas filhas frequentem a escola demonstra uma perspectiva marcadamente patriarcal sobre o papel da mulher no espaço educacional. Essa manifestação de machismo não se distancia significativamente das dinâmicas observadas na contemporaneidade, pois, tal discurso ressoa na observação de Gonzalez (2020, p. 34) apontando que “mesmo nos dias atuais, em que se constata melhorias quanto ao nível de educação de uma minoria de mulheres negras, o que se observa é que, por maior que seja a capacidade que demonstre, ela é preterida”, evidenciando a persistência de desigualdades estruturais que afetam o acesso e a permanência de mulheres negras na educação formal.

Em nossa leitura, é pertinente ressaltar a relação entre Bibiana e Severo, seu companheiro, pois ele norteia muito de sua construção e decisões enquanto narradora-personagem, uma vez que tal relacionamento impulsiona desejos que antes permaneciam apenas no imaginário da personagem, como podemos ver na passagem abaixo:

Talvez fossem apenas as afinidades que descobrimos nos caminhos para a feira: a vontade de estudar, a casa de dona Firmina se tornou minúscula para o que ansiávamos; a vontade de deixar a fazenda que, assim como nele, foi despertada em mim (Vieira Junior, 2019, p. 75).

Dessa forma, a percepção de Bibiana sobre a subalternidade da comunidade de Água Negra já existia, mas é reforçada pela afinidade construída com Severo (*a vontade de deixar a fazenda que, assim como nele, foi despertada em mim*). Severo aqui se configura como um personagem que é “capaz de permitir aos demais outros conhecimentos e reflexões sobre as condições de vida que eles sempre tiveram, e sobre as possibilidades de alterações” (Silva, 2023, p. 100). Embora o romance busque representar a subalternidade da mulher negra e sua luta por direitos, Vieira Junior, em certos momentos, recai em um modelo estereotipado, como nessa construção de Bibiana, cuja consciência parece depender da reafirmação de um homem. Ora, por que esse processo identitário não parte dela mesma? Por que seu processo de emancipação é vinculado à presença masculina? Nesse sentido, a partir da morte do marido, há um novo tom na sua construção identitária. Sob essa perspectiva, a personagem Bibiana não apenas declara sua identidade, mas assume uma posição política ao reivindicar, diante das autoridades, a memória e a luta coletiva de sua comunidade:

Era professora, casada por muitos anos com um militante. Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela

região. «Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas», disse, tranquila, diante do escrivão e do delegado (Vieira Junior, 2019, p. 256)

Nesse enunciado, a personagem não somente reverbera uma nova visão de si e de sua comunidade (professora e quilombola), como também marca um deslocamento discursivo importante, uma vez que Bibiana se torna sujeito e porta-voz da narrativa marcada pela subalternidade de sua comunidade. Tal movimento evidencia o que Oliveira (2022, p. 112) define como processo de consciência social e política que se intensifica à medida que as personagens Bibiana e Belonísia reconhecem sua condição subalterna e elaboram formas de resistir. Assim, percebemos que apesar da trajetória de Bibiana ser marcada por subalternidade, a narradora consegue se reafirmar enquanto mulher negra a partir da autoidentificação quilombola que opera aqui não apenas como pertencimento, mas como enfrentamento das estruturas que historicamente negaram sua voz. No que se refere a essa figura feminina, Resende, Costa e Oliveira (2021, p. 26) afirmam que

As mulheres buscam criar um modelo de cultura que deve ser vivido por todos, em que a oposição referente aos sexos seja eliminada. Essa nova cultura não pretende colocar o homem em uma posição inferior e sim eliminar a ideia de superioridade e inferioridade.

Ou seja, quando a mulher ocupa um protagonismo político, não busca um autoritarismo de gênero, mas sim a equidade. Ao ter voz ativa na comunidade, Bibiana se torna uma referência na militância de Água Negra, expressando assim que a representatividade da negritude feminina não deve se resumir a opressão, silenciamento e passividade: aqui, há uma reivindicação de seus locais de fala. É preciso refletir, também, que essa consciência coletiva e social advém também de sua estadia, com Severo, na zona urbana, em que percebem que a marginalização de indivíduos com determinados marcadores sociais, como cor, gênero e classe social não se restringem ao campo rural. Sobre tais deliberações, a pesquisa de Adorno (2024, p. 17) pode ratificar nossos dizeres, pois na medida em que reflete sobre a passagem na área urbana do casal, delimita que “ao experimentarem uma nova realidade, puderam desmistificar a normalização da exploração a que os sujeitos daquela comunidade estavam sistematizados”.

Concluimos, portanto, que a personagem Bibiana evoca as condições de subalternidade vivenciadas por sua comunidade, não de maneira passiva ou meramente descritiva, mas por meio de uma postura crítica e engajada. Assim, a narradora constrói uma identidade e uma consciência social que transcendem o âmbito individual, convocando coletivamente os habitantes da Fazenda Água Negra à luta por seus direitos. Dessa forma,

Torto Arado celebra uma construção narrativa que propõe desconstruir o lugar que a mulher negra ocupa, por vezes, na literatura, em que é representada a partir de lugares predeterminados e hegemonicamente impostos (Cruz; Tofanelo, 2020, p. 108). É nítido, ainda, que a representação da negritude feminina não deve se limitar à sua presença em obras literárias, mas evidenciar o protagonismo dessas personagens e seus locais de fala.

3.2 Belonísia: a voz do silenciamento

A figura de Belonísia, em nossa leitura, é o escancaramento de uma subalternidade que não permanece somente no campo das epistemes, mas também está marcada no corpo físico. Sob esse viés, parafraseando o título da obra de Spivak (2010), ao indagar se o subalterno pode falar, no caso da personagem em questão, de fato, não se tem a oratória, afinal Belonísia não conseguia falar. Devido a sua condição de não-vocalização, Belonísia se mostra uma personagem reclusa, introspectiva e observadora, sendo afetada pelos movimentos das mulheres ao seu redor. Tal experiência da personagem é textualizada da seguinte forma:

Quanto mais criança via nascer, mais sentia como se meu corpo vibrasse, em movimento pedindo para parir, como a terra úmida parece pedir para ser semeada; e se não fosse semeada, a natureza faz ela mesma seu cultivo, dando a capoeira, o maracujá-da-caatinga e folhas de toda sorte para curar os males do corpo e do espírito (Vieira Junior, 2019, p. 105)

Nesse fragmento, é nítido que Belonísia, ao observar as mulheres da comunidade vivendo experiências diferentes das suas, passa a se comparar e refletir sobre a possibilidade de gerar uma criança. Tal passagem também tece considerações sobre o lugar que a mulher ocupa na sociedade, bem como o que a define enquanto mulher, já que a personagem associa a gravidez a elementos da natureza, reforçando a ideia de que a maternidade seria algo natural para a mulher — inclusive, traçando um paralelo entre a figura da mãe e a própria mãe natureza. Ademais, isso nos faz questionar se havia, de fato, o desejo de ser mãe ou se era apenas Belonísia sendo condicionada pelas outras mulheres.

Isso revela, também, o patriarcalismo dos trabalhadores e trabalhadoras de Água Negra, afinal as meninas “desde pequenas aprendem a trabalhar em casa e na roça, logo cedo se juntam a um homem e passam a servi-lo” (Resende; Costa; Oliveira, 2021, p. 12). Outra passagem que suscita a relação entre a natureza e a maternidade como artifício literário é em “aproveitávamos as palhas que já amarelavam para vestir feito roupas nos sabugos. Falávamos que as bonecas eram nossas filhas, filhas de Bibiana e Belonísia” (Vieira Junior, 2019, p. 13). Nesse enunciado, podemos perceber a pobreza ao não possuir

bonecas, mas criá-las com sabugos de milho; como também é evidente o paralelo entre elementos da terra e a brincadeira de *ser mãe*, retomando essa função tão comum e natural para a(s) mulher(es) de Água Negra.

Nesse sentido, Belonísia acredita que, por ser mulher, deveria atender a determinadas expectativas como podemos observar em suas relações sexuais com Tobias, seu companheiro. Aliado a isso, observamos uma passagem pertinente do romance, em que é exposto um momento de relação íntima entre Belonísia e Tobias, no qual ao invés de amor ou prazer, é reafirmado um sentimento de inércia, quiçá desprezo, no fragmento seguinte:

Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer. Enquanto ele entrava e saía de mim num vai-e-vem que me fez recordar os bichos do quintal, senti um desconforto no meu ventre, aquele mesmo que me invadiu pela manhã com o trotar do cavalo. Virei minha cabeça para o lado da janela. Tentei olhar pelas frestas a luz da lua que tinha despontado no céu mais cedo. Senti algo se desprender de seu corpo para meu interior. Ele se levantou e foi se lavar com o resto de água. Abaixei minha roupa e fiquei de costas com os olhos no teto de palha procurando filetes de luz. Procurando alguma estrela perdida, que se apresentasse como uma velha conhecida, para dizer que não estava sozinha naquele quarto (Vieira Junior, 2019, p. 114).

Isto é, de forma crua e visceral, a narradora nos apresenta que o sexo, aqui, não é realizado no intuito de ambos sentirem prazer, mas sim, porque se configura como uma função que a mulher deveria desempenhar ou, também, como um objetivo que deve ser cumprido (*como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer*). No final, o grande clímax, não se constitui pela chegada de um orgasmo feminino, mas o alívio ao terminar esse ato que a personagem compara, até mesmo, com o coito dos animais. Ao relacionar tais ações feitas no sexo à uma lembrança do agir dos *bichos no quintal*, temos uma alusão animalesca que contrasta com a discussão de gênero e raça de Gonzalez (2020, p. 22), pois a autora, no que tange a relação entre a negritude e o ato sexual na sociedade brasileira, compreende que “os corpos são vistos como corpos animalizados: de certa forma, são os ‘burros de carga’ do sexo (dos quais as mulatas brasileiras são um modelo)”.

Ou seja, o corpo negro é colocado em um lugar de subumanidade, tratado como “selvagem” e “animal”. Nessa perspectiva, Vieira Junior, ao escrever sobre a subalternidade desses personagens, denuncia experiências de uma negritude feminina relegada ao papel de subserviência, em que a personagem Belonísia sofre uma dupla opressão e estigmatização imposta por Tobias: é desumanizada tanto por ser mulher quanto por ser negra. Entretanto, diferentemente de outras literaturas que recaem em um “retrato literário da mulata, confinada aos estigmas da cultura europeia, que vai da sedução à bestialização dos corpos

negros” (Cruz; Tofanelo, 2020, p. 105), a escrita de Vieira Junior não apenas busca ilustrar tais condições de forma a naturalizá-las, mas as problematiza. Posto isso, sua narrativa funciona como provocação ao evidenciar a animalização e a objetificação do corpo da mulher negra, refletindo sobre os (não) dizeres de sujeitos que, como Belonísia, muitas vezes não conseguem verbalizar seus posicionamentos.

Para a personagem Belonísia, que sofre repetidas opressões de Tobias, a figura masculina é posta como Sujeito, em um pedestal, enquanto ela, por ser mulher, configura-se como um Outro. Esse seu descaso consigo mesma é perceptível em seu relato sobre uma das diversas grosserias de Tobias, como notamos em “Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera” (Vieira Junior, 2019, p. 113) e em “Tobias parecia não sentir satisfação pelo que eu fazia. Se queixava de algum objeto que procurava e não encontrava. Dizia que eu não poderia mexer em tudo” (Vieira Junior, 2019, p. 115). Nessas passagens, a posição social de Belonísia, determinada pelo comportamento abusivo de seu companheiro, caracteriza-se pela submissão e instrumentalização. A mulher é reduzida a um objeto de serventia, sendo silenciada e requerida apenas para servir aos propósitos masculinos, tanto em tarefas cotidianas quanto em relações sexuais.

Tal conjuntura vivenciada pela personagem dialoga, de maneira clara, com Spivak (2010, p. 124), ao apontar que “o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido”. Para tanto, por Belonísia se enxergar como alguém inferior — seja por ser mulher, por ser trabalhadora rural ou por não possuir uma língua —, a narradora internaliza as discriminações de Tobias, permanecendo silenciada e invisível. Ademais, essa se trata de uma situação ficcional, mas que se transfigura, facilmente, com o cotidiano vivenciado por mulheres negras no cenário brasileiro, portanto, as vivências de Belonísia demonstram que a marginalização dos sujeitos é ainda mais violenta quando se trata da negritude feminina. Sob esse panorama, tomemos como exemplo para análise um relato da personagem, em que a antecipação às ordens do marido explicita uma dinâmica de poder que vai além da subalternidade prática do cotidiano doméstico, mas sim simbólica:

A coisa ficou tão ruim que eu me antecipava, nem esperava ele pedir, já dava tudo em suas mãos: cinto, sapato, chapéu, gibão, facão, só para não o ouvir chamando ‘mulher’. Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava (Vieira Junior, 2019, p. 116).

Tal cena revela um processo de ressignificação de palavras, no qual o termo “mulher”, em vez de representar identidade ou afeto, é entendido como marcador de posse e mercadoria. Dessa forma, Belonísia demonstra clareza ao compreender que há processos de apagamento e opressão, contudo ela (ainda) não externaliza uma ação que modifique sua situação. Oliveira (2022, p. 108) contribui para nossa afirmação da condição subalterna feminina, ao delimitar que, intrínseco às relações de poder em Torto Arado, tem-se a dominação “do masculino sobre o feminino, no qual o gênero se apresenta como indicador da desigualdade enfrentada pelas personagens femininas”. Ou seja, análogo a tal excerto, compreendemos que, ao conceber novos significados ao substantivo mulher, a partir das vivências e observações realizadas pela personagem, Belonísia atribui ao nome *mulher* um sentido relacionado a mercadoria, reforçando o fator gênero feminino como dominado e inferior.

Assim como Bibiana, a trajetória de Belonísia não se resume à sua subalternidade, pois, apesar de não poder tampouco conseguir verbalizar seus pensamentos, a irmã sem a língua reivindica seu lugar na Fazenda Água Negra, inclusive, a partir de trabalhos considerados masculinos, como a criação de sua roça ou, ainda, escolhendo não ser mãe nem ter outro cônjuge após a morte de Tobias. Essa atitude desconstrói a imagem tradicional de que a mulher deve operar como mera reprodutora, apresentando-a com sentimentos, ideias e autonomia e pode ser reafirmada pela consciência social adquirida por Belonísia e expressa no seguinte trecho:

Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas” (Vieira Junior, 2019, p. 119).

Nesse sentido, há um ganho na escrita de Vieira Junior e sua abordagem perante o corpo feminino e negro, afinal a personagem, por conta própria — diferente de sua irmã Bibiana que tem sua consciência mediada, em grande parte, pelos dizeres de Severo —, afirma-se em um espaço tradicionalmente masculino e desafia determinadas normas de gênero vividas na comunidade de Água Negra. Observamos, a partir de tais relatos da narradora, que o retrato de Belonísia é o retrato da solidão da mulher negra brasileira. Para Mizael et al (2021, p. 217), “a solidão das mulheres negras é diferente da solidão que pode existir entre mulheres brancas, pois, embora ambas sofram os efeitos do machismo, as mulheres brancas não sofrem racismo”, dessa forma, o sentimento de rejeição é uma consequência da interseccionalidade dos marcadores sociais de gênero e raça que perpassam

a mulher negra. Essa culpabilização de si mesma é evidenciada no fragmento seguinte, que retoma as dores de Belonísia perante seu relacionamento conturbado e abusivo com Tobias:

Sabia que mesmo depois de muitos anos, carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortesias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizarem seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida, deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher (Vieira Junior, 2019, p. 136).

Nesse panorama, observamos que Belonísia assume um sentimento de culpa por, de certa maneira, integrar a continuidade de um legado no qual mulheres são reduzidas à condição de serventes por seus companheiros (*para lhe servirem de escravas*), sem, contudo, identificar os sinais característicos de uma relação abusiva. Importa destacar que, ao se culpar, Belonísia direciona sua crítica mais à própria suposta ingenuidade e desatenção do que às atitudes de Tobias, resultando em uma inversão que transfere a responsabilidade da violência à vítima, por não identificá-la, em vez de ao agressor, por cometê-la. Por fim, no último período da passagem (*para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher*), ratifica-se que essas são experiências que a personagem compreende como vivenciadas principalmente pela figura feminina.

Assim, no que tange as personagens Belonísia e Bibiana, observamos a experiência de opressão marcada pela interseccionalidade das encruzilhadas, principalmente, entre racismo e sexismo. Nesse contexto, é nítido que ambas as irmãs desenvolvem uma consciência crítica em relação à luta negra e feminina, não apenas por sua condição de mulher atravessada por opressões de gênero, mas também por reconhecer as desigualdades vividas pelos trabalhadores rurais e pela população negra de sua comunidade. Não obstante, essa percepção é ainda mais intensificada após a mobilização e morte de Severo, o cônjuge de Bibiana.

Nessa perspectiva, Spivak discute a consciência do sujeito subalterno, ressaltando que ela está vinculada à impossibilidade de enunciação autônoma. Para a autora, “algo como uma recusa ideológica coletiva pode ser diagnosticada pela prática legal sistematizada do imperialismo” (2010, p. 82), o que revela as barreiras estruturais à escuta e à legitimação da fala subalterna. Dessa maneira, análogo ao destaque da importância do receptor da fala, uma vez que o discurso do subalterno pode ser apropriado e ressignificado conforme os interesses de quem o escuta, é preciso que o sujeito subalterno verbalize e, para tanto “o

subalterno precisa que quando ele fale alguém escute, alguém que o entenda, que esteja na mesma situação que ele o escute” (Oliveira, 2022, p 106), isto é, é preciso haver o diálogo.

No intuito de perceber tal diálogo, tomemos como ponto de partida a relação entre Belonísia e Bibiana, e Belonísia e Maria Cabocla. Mesmo com a impossibilidade de fala de Belonísia, em ambas as relações houve comunicação e o sentimento de pertencimento, pois suas vivências se assemelhavam: enquanto que para as irmãs, tinham a questão do laço sanguíneo como também do desejo de reivindicar seus direitos, a amizade de Belonísia e Maria Cabocla advinha de um local-comum de subserviência, em que as duas sofriam em um relacionamento violento com seus cônjuges. Dessa maneira, ambas as relações demonstram que o sujeito subalterno, por vezes, só ganha voz autônoma, quando dialoga com outros que compartilhem dessas (sub)condições.

Isso demonstra, inclusive, a relevância de uma visão interseccional em meio ao arcabouço literário vigente, já que a interseccionalidade não está interessada “nas diferenças identitárias, mas nas desigualdades impostas pela matriz de opressão” (Akotirene, 2020, p. 30), ou seja, a desigualdade sofrida por elas é uma forma de estabelecer uma união por suas experiências semelhantes. Dito isso, chega-se à conclusão que, quando as mulheres se unem na narrativa de *Torto Arado*, permitem a quebra de uma herança de opressões, pois lhes confere uma identidade coletiva — identidade essa, que toma outra dimensão quando levamos em consideração a simbologia de Santa Rita Pescadeira.

3.3 Santa Rita Pescadeira: o passado nunca nos abandona

A figura de Santa Rita Pescadeira representa, antes de tudo, uma simbologia de toda a identidade coletiva e cultural da comunidade, afinal trata-se de uma entidade ancestral feminina que permeia todos os acontecimentos da obra e que soma ao quantitativo de narradoras uma nova perspectiva (Silva, 2023, p. 79). Por isso, além de atrelarmos sua persona à Dona Miúda, pois seus caminhos estão imbricados, delimitamos algumas situações históricas evidenciadas pela narradora para analisar a representação da subalternidade e interseccionalidade na sua personagem.

Em relação à escravização, ao retomar a origem de Água Negra, marcada pela escravidão e submissão, Santa Rita Pescadeira relata que alguns dos moradores conseguiam comprar sua liberdade, como nota-se em “às vezes, um ou outro encontrava seu bambúrrio, comprava sua liberdade, montava seu negócio. Alguns viravam donos de escravos, e davam adeus à servidão e à busca que lacerava suas mãos e suas almas” (Vieira Junior, 2019, p. 204). Essa passagem evidencia uma tensão histórica: embora libertos, alguns negros

reproduziam práticas de opressão, assumindo papéis de poder dentro de uma estrutura ainda marcada pelo racismo. Tal fenômeno remete ao conceito de racismo internalizado, no qual os oprimidos, em determinadas circunstâncias, assumem o comportamento dos opressores.

A esse respeito, é pertinente considerar o apontamento de Akotirene (2020, p. 29), ao afirmar que “a identidade branca desmascara quem se passa por negro sem sê-lo, dando as chances políticas de ser branco de verdade”. Em outras palavras, quando uma pessoa branca tenta se posicionar como negra, a branquitude tende a rejeitar tal identificação, mas não a exclui: ela é, ao final, reintegrada aos privilégios da branquitude. Por outro lado, quando pessoas negras buscam adentrar os espaços de poder reservados aos brancos, são recusadas — negam sua identidade negra, mas também são negadas pela branquitude.

Dessa forma, concluímos que a história de Água Negra demonstra que a inserção de negros na estrutura de poder da época relatada (e vivida) pela entidade religiosa não garantia pertencimento ou igualdade; ao contrário, reforçava a manutenção da exclusão racial. Essas marcas da escravização podem ser elucidadas na narração de Santa Rita Pescadeira, ao afirmar que “Minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca [...] A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes.” (Vieira Junior, 2019, p. 212). Tal trecho não se reduz a um testemunho de dor, mas se delimita literariamente como espaço de resistência, pois inscreve na ficção vozes historicamente silenciadas — representadas simbolicamente pela entidade ancestral. Portanto, compreendemos que tais experiências revelam não uma ascensão social plena, mas a confirmação da rigidez das fronteiras raciais, nas quais a branquitude segue sendo o parâmetro de poder e privilégio, enquanto a negritude permanece relegada à condição de exclusão. Confirmamos, ainda sobre o enunciado, que tais condições subalternas, apesar de silenciar os indivíduos marginalizados, não apagam a memória de sua luta, como percebemos nos dizeres da santa, que também reverbera na consciência social e protagonismo ativo adquiridos pelas personagens Bibiana e Belonísia.

Sob esse contexto, ao explorar o panorama histórico dos quilombolas de Água Negra, Santa Rita Pescadeira concebe discussões sobre o contemporâneo, pois ao relatar que mesmo com o fim da escravidão os negros ainda eram explorados, evidencia-se que a branquitude “se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, a maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo, a partir de sua vantagem competitiva” (Gonzalez, 2020, p. 29) nas estruturas de poder já estabelecidas. Dessa maneira, ocorre a manutenção de uma exploração que não se encerra, mas se transforma em novas formas de opressão. Tal afirmação pode ser exemplificada em um relato da divindade que expõe uma

série de crueldades impostas à população preta, as quais foram por ela testemunhadas, conforme se observa em

Acudi uma mulher que incendiou seu próprio corpo por não querer ser mais cativa de seu senhor. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos. Que davam a liberdade aos que seriam cativos, e muitas delas morreram também por isso. Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair. Outro fez do corpo de seu escravo um reparo para o barco imprestável em que navegava. Entrava água na embarcação. O barco chegou ao seu destino com o homem afogado. Vi homens e mulheres venderem seus pedaços de terra por uma saca de feijão ou uma arroba de carne, porque não suportavam mais a fome da seca. Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa (Vieira Junior, 2019, p. 207).

Nesse registro das vivências da comunidade, tem-se a manifestação clara de uma subalternidade intrínseca à vida dos que nasciam na Fazenda Água Negra, que eram silenciados e marginalizados ao extremo. O corpo do homem negro é reduzido à condição de ferramenta de reparo de um navio e não como um humano; enquanto o corpo da mulher, em contrapartida, é animalizado e objetificado, destinado a atos sexuais, independentemente se há consentimento ou não. Por sua vez, na última oração (*lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa*), ao empregar o termo *da gente*, Santa Rita Pescadeira se refere a população da comunidade, mas também se inclui nessa *gente*. Essa escolha linguística não é aleatória, tampouco fruto de erro gramatical, mas revela um pertencimento profundo. Isso porque, a entidade é uma figura que sintetiza toda a identidade cultural da população negra de Água Negra, isto é, mais que uma vigilante ou guardiã, Santa Rita Pescadeira é moradora, trabalhadora, mulher e negra. Não apenas vigia o povo de Água Negra: ela é parte dele.

Adiante, a figura ancestral relembra Dona Miúda, a qual lhe conferia o corpo nas noites de jarê, delimita que tanto Miúda quanto a população de Água Negra não se reconheciam como pretos, pois “pretos não eram bem vistos, tinham que deixar a terra” (Vieira Junior, 2019, p. 223), por isso se denominavam índios, uma vez que “índio não deixava a terra. Índio era tolerado, ninguém gostava, mas as leis protegiam, era o que pensavam. Os outros torciam o bico, porque viam que eram pretos” (2019, p. 223). Todavia, apesar da tentativa de adotar uma nova nomenclatura, quíça identidade, não havia nenhuma reparação na discriminação racial sofrida por eles. Essa discussão também reverbera na sociedade brasileira, sendo Gonzalez (2020, p. 130) a observar que “a segregação de mestiços, índios ou negros se torna desnecessária, porque as hierarquias garantem a superioridade dos brancos como grupo dominante”, desse modo, assim como na realidade,

em *Torto Arado* pouco importava se o povo da região eram lidos como indígenas ou negros, pois jamais participariam da branquitude.

Em síntese, a perspectiva interseccional presente na obra não se constrói como uma hierarquização de sofrimentos, mas como reconhecimento de que as opressões se entrecruzam de maneiras distintas sobre os corpos das personagens, principalmente no que concerne à negritude feminina. Akotirene reforça nossa leitura ao depreender que “a coalização e solidariedade políticas em prol dos oprimidos por classe, sexualidades ou território, dentre diferentes marcações.” (Akotirene, 2020, p. 56) e, nesse sentido, foi percebido que, no panorama retratado, há opressões que atravessam a mulher negra rural de forma violenta, porém não ocorrem na mesma proporção.

A interseccionalidade, a partir desse viés, auxilia-nos a enxergar as “opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas.” (Akotirene, 2020, p. 56). Sob esse contexto, vale ressaltar o ponto de intersecção entre Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira: o desejo de reivindicação de direitos historicamente negados. Isso porque, se para as irmãs se tinha as questões de gênero, classe e raça que as circundam na comunidade, Santa Rita representa simbolicamente toda a história e luta daquele povo, principalmente das mulheres negras da região de Água Negra — afinal, conferir voz narrativa a uma entidade feminina e não a uma masculina é uma escolha narrativa e política. A partir dessa compreensão, ao narrar a morte de Salomão — relembrando, orquestrada pela figura religiosa e mediada pelos corpos de Belonísia e Bibiana —, novo proprietário da Fazenda Água Negra, obtemos aqui a afirmação da narradora ancestral que “o passado nunca nos abandona” (Vieira Junior, 2019, p. 261), isto é, tal passagem denuncia a necessidade de refletir criticamente sobre o passado, ao mesmo tempo em que (n)os convida a aprender com experiências pretéritas, de modo a evitar tal repetição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUANDO AS VOZES FEMININAS SE UNEM

A partir das discussões desenvolvidas ao longo da presente pesquisa, foi possível constatar que as narradoras-personagens da obra *Torto Arado* estão inseridas em múltiplas camadas de subalternidade, que dialogam diretamente com a realidade brasileira — tanto em aspectos cotidianos quanto em eventos de caráter histórico. Para tanto, os estudos de Spivak (2010) e Akotirene (2020) permearam as discussões suscitadas na análise, visto que conferem maior arcabouço teórico sobre a subalternidade e a interseccionalidade, respectivamente. Somado a essas autoras, também é nítido que nos debruçamos sobre Gonzalez (2020), a fim de compreender em que local de (não) fala ocupa a mulher negra na sociedade brasileira. Assim, tornou-se fundamental ressaltar que a representação da negritude feminina na literatura não deve restringir-se à sua mera presença na narrativa, mas deve enfatizar seu protagonismo, sua agência e seus espaços de fala.

Em síntese, objetivamos anteriormente discutir as questões de gênero, classe e raça, aliada a análise da condição subalterna das personagens e suas formas de reivindicação de direitos. Dito isso, enquanto a figura de Santa Rita Pescadeira sintetiza a identidade histórica e cultural da comunidade negra de Água Negra, configurando-se como mais que uma guardiã espiritual, ela representa o elo vivo entre passado e presente, fé e resistência, corporeidade e espiritualidade; por sua vez, as figuras de Bibiana e Belonísia, nesse sentido, constituem representações complexas da condição subalterna vivida por mulheres negras no contexto rural evidenciado na obra de Vieira Junior.

Vale destacar, ainda, que percebemos que *Torto Arado* apresenta avanços significativos, sobretudo na forma como constrói a identidade coletiva das personagens e sua consciência social, tendo em vista que as personagens, identificam as opressões vivenciadas e, na tentativa de combatê-las, durante sua trajetória narrativa, ganham autonomia e voz ativa na comunidade em que vivem. No entanto, é possível observar que Vieira Júnior, em determinados momentos, distancia-se de sua proposta de oferecer uma literatura disruptiva, ao recorrer à figura de Severo — companheiro de Bibiana — como ponto de partida para o processo de construção de identidade e emancipação de Bibiana, que apenas reafirma as suas concepções sobre a subalternidade de Água Negra após o relacionamento com tal personagem, bem como se torna uma espécie de porta-voz dos trabalhadores e trabalhadoras rurais após a morte de seu parceiro.

Por fim, retomando a obra analisada, que apesar de não haver uma resolução definitiva para o povo de Água Negra, há no final um sentimento de pertencimento, ao

compreenderem que além do vínculo com a terra, também se tem o vínculo com a comunidade. Dessa forma, *Torto Arado* se revela uma obra fundamental na discussão da subalternidade e interseccionalidade, especialmente ao dar centralidade à experiência da mulher negra rural, conferindo-lhe complexidade, voz e densidade narrativa. Assim, ao considerar tais pressupostos, concluimos que a leitura e análise das narradoras-personagens do romance possibilita refletir criticamente sobre as potenciais formas de existir e resistir de mulheres negras, tanto no âmbito literário quanto na sociedade brasileira; como também, faz-nos refletir sobre a necessidade de se ter representações de mulheres negras na literatura que, além de meras personagens, ganhem protagonismo e voz. Afinal, é chegada a hora de uma literatura brasileira em que as vozes da negritude feminina não sejam silenciadas, mas sim evocadas e enfatizadas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Victória Nantes Marinho. As memórias e vozes que ecoam no silêncio, na obra Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. Editora: **Diálogo e Interação**. Cornélio Procópio, Volume 18, n. 2, 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro. Jandaíra, 2020.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9a edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto, 2015.

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso da. TOFANELO, Gabriela Fonseca. ENTRE PRESENÇAS E AUSÊNCIAS: VOZES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. **Revista InterteXto**, Uberaba, v. 12, n. 2, p. p.102–122, 2020. DOI: [10.18554/ri.v12i2.4048](https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/4048). Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/4048>. Acesso em: 11 ago. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz: Companhia das Letras, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu Silva (org), Woodward, Kathryn. Rio de Janeiro. Vozes, 2014.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**, p. 53-83, 2020.

MIZAE, T. M.; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER, M. H. L. SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: UMA REVISÃO DA LITERATURA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 13, n. 38, p. 212–239, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1270>. Acesso em: 11 ago. 2025.

OLIVEIRA, Paloma Cardoso de. O SUJEITO FEMININO NO ROMANCE TORTO ARADO. **Revista ECOS**, v. 33, n. 2, p. 97-113, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/10811>. Acesso em: 10 ago. 2025.

RESENDE, Joelma de Araújo Silva; DE OLIVEIRA, Maria Helena; DE ALENCAR COSTA, Margareth Torres. A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JR. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 17, n. 30, p. 24-36, 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Para um comparatismo decolonial**. Diálogos transdisciplinares

ciências humanas, cultura, tecnologia. Porto Alegre: Class, 2022. p. 253-263, 2022.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 129-150, 2012.

SILVA, Rosane Pontes. **Representação, polifonia, subalternidade no romance Torto arado (2019), de Itamar Vieira Junior**. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

TAVARES, Ana Paula. **O lago da lua**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Afinal, em que época do Brasil se passa ‘Torto Arado’? Confira a resposta de Itamar Vieira Junior. Entrevista transmitida por Roda Viva. Disponível em: https://youtu.be/PEoJLxU3YAM?si=zAKpWa_5T5NeoH8V. Acesso em: 16 ago. 2025.